



## THEODORO BRAGA: O ENSINO BIOMIMÉTICO E ECOESTÉTICO DO DESENHO

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa. USP e Anhembi Morumbi

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior, que trata da história do ensino do Desenho/Design no Brasil contada através de artigos de jornais e periódicos da década de 1920 até 1950. Neste texto, tratarei apenas de Theodoro Braga como lutador incansável em prol do Desenho na Educação e de métodos não reprodutivos para seu ensino, voltados para a decodificação da natureza ao redor.

Theodoro Braga era uma das figuras proeminentes dentre os artistas, professores de Desenho/Design dos anos 20 e 30. Ele foi um dos mais assíduos e veementes batalhadores contra o ensino do Desenho baseado em cópia. Introduziu o desenho simplificado de formas da natureza, estabelecendo nas escolas a metodologia *art nouveau* de desenho, que aprendeu na Europa, recomendando sua aplicação na decoração e nas artes gráficas, porém com motivos nacionais. Podemos considerar este um caso de antropofagia cultural ou hibridismo *avant la lettre*.

Não só o ensino do desenho, mas também Theodoro Braga tinha enorme espaço nos jornais da época. Ele escrevia frequentemente em revistas e jornais. Era um polemista exímio, o que provavelmente foi exercitado na lida com o Direito no início de sua vida adulta. Tudo que escrevia repercutia na imprensa. Sua ligação com a imprensa foi tão significativa que doou parte de seus arquivos ao jornal O Estado de São Paulo. Sua recepção nos meios culturais era ressoante.

Para usar uma expressão da sua época, Braga foi um ‘publicista’ do Desenho e da Arte. Seu ‘Dicionário de Pintores Brasileiros do século 20’ é um livro disputado nos sebos de São Paulo e merecia ser reeditado. Objeto de meu desejo, nunca consegui obter um exemplar. No ‘Dicionário’, foi muito equilibrado na questão de gênero, pois incluiu muitas mulheres pintoras que foram apagadas da história pelos outros historiadores da arte. Sua campanha em prol do ensino do Desenho Decorativo, com fins de aplicação na Indústria o levava a ser frequentemente

convidado para palestras. Falava e discursava muito bem. Suas palestras eram sempre sucesso garantido. Como bom liberal, defendia a Educação Pública e a educação dos operários, como se refere no texto ‘O Ensino do Desenho’, extraído da revista ‘A Educação’, no qual ele demonstra seus conhecimentos acerca da Inglaterra, especialmente Birmingham, Áustria, França (Guerin, Gasset e Sévrès), Praga e Zurique.

Chamo a atenção para os trechos que se referem ao seu horror à cópia e aos que fazem a apologia do que ele chamava ‘estilização’, estratégia fundamental da *art nouveau*.

#### A Educação – Fevereiro de 1923

[...] A escola profissional não é nem um manicômio nem uma correção.

[...] Com efeito, uma escola profissional não é um jardim de infância em que se aceitam crianças analfabetas e tenras; perde-se não só o tempo de ensinar o que elas deviam saber ao entrarem como faltam-lhes forças, vigor e iniciativa para ajudar ao mestre no momento da aprendizagem do ofício escolhido. Como ensinar-se, por exemplo, o ofício de tipógrafo a educandos que desconheçam o alfabeto?

[...]

Toda dificuldade até agora existente na disseminação absoluta do ensino de desenho, resulta apenas da maneira por que é ela feita e dessa maneira, quase sempre defeituosa em sua maioria, só resultados inúteis pelo menos incompletos, pode ela dar, como tem acontecido.

[...]

Só assim expurgada a invasão do terrível mal que nos tem atrofiado o cérebro até agora, isto é, as copias de catálogos estrangeiros, só assim poderemos iniciar a procura de um estilo de uma maneira de fazer nacional, que nossos silvícolas descobriram e que nós civilizados desconhecemos<sup>1</sup>.

[...]

ESTILIZAÇÃO, como deve ser empregada, não é mais do que a interpretação ornamental procurada de um objeto. É a arte de aproveitar espiritualmente elementos naturais na sua tendência decorativa.

[...]

A estilização é produzida por um ato refletido e voluntário que transforma um objeto natural. Este não é mais que um ponto de partida sobre o qual o artista se apoia para achar o ornamento que ele deseja criar.

[...] O gesto patriótico do ilustre deputado patricio, Dr. Fidelis Reis, impelirá agora o movimento inicial definitivo da engrenagem que irá oferecer ao Brasil uma metodização inteligente no curso profissional de artes e ofícios.

[...]

É na escola que se faz a alma do homem tomar a forma que se deseja. Façamos os nossos discípulos enquanto cabe a nós essa tarefa de formar espírito. Ensinemos a serem cérebros que pensem, alma que quer e mãos que produzem conscientemente.

Sejamos brasileiros.<sup>2</sup>

Neste momento, duas figuras eram muito importantes nas decisões em prol do ensino do Desenho técnico, ou iniciação ao Design no Brasil: Fidelis Reis<sup>3</sup> e João Luderitz.

Braga combatia Luderitz, como veremos depois, e entusiasticamente defendia o projeto do deputado mineiro Fidelis Reis de imprimir a toda educação brasileira, a dos pobres e a dos ricos, o objetivo de preparação para o trabalho. O projeto de lei encaminhado à Câmara Federal, em 1922, por Fidelis Reis, sobre a obrigatoriedade do ensino profissional, foi aprovado em 1927, após contínuos debates que, durante cinco anos, ocuparam as sessões da Câmara e os jornais. Entretanto, assim como o projeto de educação de Rui Barbosa no século XIX, o de Fidelis Reis nunca foi implementado, com a desculpa de falta de verbas. A oligarquia rural, que continuava dominando o Brasil reagiu e boicotou as mudanças educacionais. O projeto de Fidelis Reis era bem embasado e o deputado era muito plural, citando, em seus discursos, Henry Ford, a quem muito admirava, Augusto Comte, Herbert Hoover, político americano que se tornou presidente em plena crise econômica dos Estados Unidos de 1929 a 1933 e Lenin, a quem enviou uma súmula de seu projeto de “tornar todos os jovens Operários”. Não se sabe se Lenin recebeu a carta, pois morreu logo em seguida (1924).

Foi no Projeto Fidelis Reis que Valnir Chagas disse haver elaborado a Lei 5692 de 1971, que pretendia profissionalizar todas as classes sociais no ensino médio, que fingidamente implementada, fracassou. As escolas particulares continuaram a preparar as elites para o vestibular, e as escolas públicas preparavam os pobres para nada, pois não foram criadas, nas escolas, oficinas e laboratórios compatíveis com a renovação tecnológica, que já ocorria nas empresas.

Ao projeto Fidelis Reis, seguiu-se a Campanha pela Reforma Fernando de Azevedo, muito mais humanística, que buscava formar mentalidades.

No artigo ‘Carta Aberta ao ilustre professor Benevenuto Berna, artista escultor’, publicado no ‘Jornal do Brasil’ de 11 de outubro de 1927, quando já vivia em São Paulo, reafirma seu apoio ao Projeto Fidelis Reis e critica severamente os Programas do Colégio Pedro II para o Ginásio (corresponde hoje do 6º Ano ao 9º Ano) e as Escolas de Aprendizes e Artífices. Berna era também arquiteto e autor do

projeto do edifício da sede do 'O Jornal do Brasil', onde escrevia com periodicidade garantida. Havia escrito um artigo a favor dos Programas de Desenho do Colégio Pedro II. Braga assim se expressa na carta ao todo poderoso Berna:

Jornal do Brasil – 11 de outubro de 1927

CARTA ABERTA AO ILUSTRE PROFESSOR BENEVENUTO BERNA,  
ARTISTA ESCULTOR

Já no ano passado fui forçado, para não deixar passar em julgamento, a analisar, ponto por ponto, o referido programa do Colégio Pedro II em artigos publicados no Estado de São Paulo (20, 21 e 22 de Agosto de 1926).

E não foi tudo. Publicado no começo do ano o tal programa para ser devidamente observado e por ele serem feitos os exames de fim de ano, qual não foi a surpresa para professores e alunos de verem, nas vésperas dos referidos exames, aparecer outro programa, embora de mesma matéria, codificado de outra maneira. Por que dois programas quando eles se valiam na sua pouca eficiência?

O programa deste ano, irmão gêmeo do ano passado, é, entretanto, arranjado de modo diferente. Há neste coisas curiosas e não seria agora o momento oportuno para uma crítica minuciosa. Convém entretanto citar um exemplo de fanfarronada: ponto 18 - "Desenvolvimento de um tema decorativo em estilo celta." Há outras coisas em estilo asteca, bizantino, etc. Isto para alunos do 1º ano.

Por ventura o que se lê acima não constituirá matéria eficiente para uma tese de concurso para professor de uma cadeira de ornamentos de estilo de uma Escola Superior de Artes Decorativas?

E assim por diante.

Agora passemos ao segundo, ao outro departamento público onde se deve ensinar desenho, pois que ele é o alicerce principal da respectiva instituição. É o que diz respeito as Escolas de Aprendizes Artífices, cujo critério está entregue a um Sr. Luderitz, contratado, há oito anos quase, pelo Ministério da Agricultura, para projetar a reforma das referidas escolas.

O que penoso sobre o que tem sido feito e continua a se fazer certamente, já o disse eu, e é inútil repetir, em conferência pública realizada no salão da sociedade Brasileira de Belas Artes em 10 de Agosto de 1925, conferência essa impressa em opúsculos e distribuída por todos os centros pedagógicos do país.

Nessa conferência protestei contra a monstruosidade de tal programa que obriga a rapazes, como tive ocasião de ver aqui na escola de S. Paulo, a recortarem ignóbeis estampas e colarem, com goma-arábica, em outros papéis pretos.

Não será pois, meu caro mestre e artista, com tais professores e tais programas e métodos possíveis se ensinar desenho e modelagem, para, desse ensino assim ministrado, dar ao Brasil "uma elite de técnicos que saibam valorizar suas riquezas latentes".

Na bifurcação (que é o seu belo artigo último) do caminho onde marchamos juntos, temos de nos separar agora, com tristeza para mim, tal a divergência de vistas que alguns pontos desse seu referido artigo nos separam.

Embora, com muito amor a minha nobre profissão de professor de desenho, seja forçado a respeitar tais programas, e parar estar bem com a minha consciência, resolvi, com muito trabalho, transformar as exigências absurdas em matéria útil e que possa ser ensinada as crianças sob minha guarda intelectual e artística.

Assim, pois, por tudo que é dito, não estranhará o ilustre professor que lhe confesse que, teoricamente, sou em prol da utopia Fidelis Reis [...] <sup>4</sup>.

Era preciso ter muita coragem para enfrentar Benevenuto Berna.

Os artigos criticando o programa de Desenho do Colégio Pedro II, aos quais Braga se refere na carta aberta a Berna, foram três longos textos publicados no 'O Estado de São Paulo' nos dias 20, 21 e 22 de agosto de 1926, sob o título 'Questões de Ensino'. Citarei apenas alguns tópicos:

Estado de São Paulo – 20, 21 e 22 de agosto de 1926

**A BALBÚRDIA DO PROGRAMA DE DESENHO DO COLÉGIO PEDRO II**

Porque, por exemplo, exigir que crianças passem o ano inteiro a fazer exercícios (25ª a 16ª lições) copiando inexpressivos sólidos geométricos a mão livre, quando facilmente obter-se-ia o seguro manejo do lápis e o despertar da inteligência em tão interessante campo de ação, fazendo-as estudar objetos de uso comum, todos com formas geométricas e de atraente execução?

Há muita repetição de matéria inutilmente, pois que, nem por isto, serão elas melhormente ensinadas<sup>5</sup>.

Mais adiante diz:

As 5ª à 7ª lições, três dias empregados em dentículos e gregas; sente-se, entretanto, através destas poucas palavras a exigência do programa em obrigar os alunos a riscarem, em papel quadriculado, o exigido, copiando-os servilmente de motivos já copiados de outras cópias; e, como consequência deste raciocínio, seguem-se as lições 8ª, 9ª e 10ª que não são mais do que o boquiabertismo dos estudantes diante de tanto papel quadriculado e abundante nas casas comerciais que exploram a especialidade. O que querem exigir das crianças essas três lições? Para quê tanta rede, ortogonal se elas já estão à venda no mercado? Qual o seu interesse intelectual? E não fica aí. Além destas de malhas quadradas e retangulares, mais adiante (21ª à 24ª lições) exigem-se outras malhas de poligonais; até parece, sem faltar com o devido respeito, regulamentação da Diretoria da Pesca. E com tanta rede gasta o estudante sete horas do seu curto tempo reduzido em um reduzido ano cheio de férias e feriados<sup>6</sup>.

Ele critica lição por lição dos quatro anos do programa de desenho decretado em 1926.

Quando Theodoro Braga afirma na carta a Berna que é obrigado a seguir os Programas do Colégio Pedro II, é porque aqueles programas eram o equivalente aos Parâmetros Curriculares e Guias Curriculares de hoje. Tinham de ser seguidos por todos os ginásios do território nacional. A diferença é que os Programas do Colégio Pedro II determinavam conteúdos programáticos a serem rigidamente seguidos.

Braga confessa, na carta, que buscava transformar os Programas em matéria útil. É o que costumo recomendar a meus alunos de hoje, frente aos Guias Curriculares que desabam das mentes privilegiadas dos professores universitários, os quais nunca ensinaram a crianças, em cima dos professores de sala de aula. São poucos os Guias que tiveram a colaboração dos mestres que põem a mão na massa. Contra os Guias Curriculares diretivos ou ditatoriais, como os do Estado de São Paulo, aconselho transformar, atualizar, inventar com os alunos, burlar, reprogramar, adequar à visualidade local, enfim, o que Braga fazia: criar matéria útil ao pensamento, ver e pensar.

Braga apoiava o Projeto de ensino de Fidelis Reis, mas o considerava utópico, no que tinha razão, pois como já disse, foi aprovado, mas não realizado. Por outro lado, Theodoro Braga combateu outro poderoso, João Luderitz, contra quem iniciou uma polêmica através dos jornais em São Paulo dois anos antes da Carta a Benevenuto Berna. Não foi a primeira polêmica a favor do ensino de desenho em jornais que Braga provocou. Em 1909, no 'O Jornal do Pará', ele debateu com um cronista que se assinava 'M.' (que não descobri ainda quem é) sobre os melhores métodos de ensino do Desenho. Para 'M.', dever-se-ia começar pelo desenho geométrico; para Braga, pela natureza. O primeiro apontava a técnica como base fundamental para a produção industrial. Já o segundo apontava a criação como fundamento básico de todo trabalho<sup>7</sup>.

Na polêmica contra os métodos de Ensino do Desenho de Luderitz, foi mais agressivo. Publicou o artigo 'Sugestões sobre os desenhos para os artífices', no 'Jornal do Brasil' de 16 de agosto de 1925, dizendo-se pasmo com um artigo de Luderitz no número de maio da revista 'A Educação', órgão mensal da Associação Brasileira de Educação sobre o Ensino de Desenho nas Escolas de Aprendizes e Artífices, que alguns historiadores consideram o início do ensino industrial no Brasil. Manifesta-se, indignado e desalentado, e reproduz o texto de Luderitz. Continua:

Jornal do Brasil – 16 de agosto de 1925

#### SUGESTÕES SOBRE O DESENHO PARA OS ARTÍFICES

[...]

Como velho professor de desenho, que procura cada vez mais facilitar a maneira racional do ensino desta matéria, elevando a dignidade na alma

da criança e provocando nesta o interesse por esse ensinamento, sobretudo, um caráter utilitário e prático para uso do homem de amanhã, qualquer que seja o seu destino na vida, eu não podia deixar passar em julgado tamanha heresia, publicamente propagada por quem, ocupando lugar de tão grande responsabilidade, tenta obrigar esse prejudicialíssimo método de ensino, qual seja o da estampa e já banido entre nós, de uma disciplina indispensável e já obrigatória para todos os cursos de instrução. Os vinte anos de professor de desenho, empregados com a mais devota das dedicações, [...] abrigam-me a vir, em público, sem demora, a lançar, com toda a força consciente de meus deveres, esse protesto, como brasileiro que ama seu país.

Pois então, quando eu supunha que o ensino de desenho, sobretudo, nos estabelecimentos oficiais da Capital de meu país, fosse uma realidade já velha, em que o seu aperfeiçoamento fosse apenas o ideal de cada um de nós, professores dessa matéria, acabo de verificar, publicado na melhor revista nacional de educação e instrução, colaborada por provecctos mestres do ensino público, que uma autoridade muito altamente colocada, de lá de cima do 4º ou 5º andar de sua alta repartição, junto a um Ministério e que "dirige o Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico da República, encarregado contratado (também) para projetar a reforma das Escolas de Aprendizes Artífices, Normais de Artes e Ofícios e demais estabelecimentos dos congêneres subvencionados" e justamente onde o aprendizado do desenho é a coluna vertebral da Instituição, lá do alto de todos aqueles andares [...], vem essa autoridade fazer oficialmente a propaganda da estampa, da execranda estampa, como a base, o início de desenho naqueles estabelecimentos onde se forma o ainda tão abandonado operariado nacional e justamente nesses estabelecimentos onde essa mesma autoridade manda e impera, tentando ainda impô-la as demais instruções que não estão sob sua reforma contratadas.

Não. Não é possível.

É inacreditável o que está escrito nas páginas daquela revista.

Pois então, há vinte anos já que consegui que o Pará, o longínquo Pará, mas tão brasileiro como outro qualquer recanto deste Amado Torrão Pátrio, rasgasse todas as estampas importadas por professores mercenários para o ensino de desenho sem trabalho para eles, instituindo exposições anuais oficiais de desenho escolar, com admiráveis resultados práticos, venha eu agora encontrar na Capital de minha Pátria civilizada, tendo celebrado o seu primeiro século de independência política, alguém cercado da alta autoridade oficial, proclamar a necessidade da estampa estrangeira como "primeira (e Segunda) parte do ensino de desenho, a que se fez junto com o A B C e com a contagem simples", não a estampa em que a criança, copiando-a, reproduz com o lápis a figura ali desenhada, e que por se tratar de estampa seria também um crime; pior ainda , muito mais prejudicial do que essa: - a do recorte do papel já desenhado por outrem.

Para não tirar o sabor do cômico e do trágico que o processo preconizado contém em si, reproduzo fielmente o texto curioso para que cada professor de desenho, honestamente, julgue e, revoltado, comente.

Lá vai obra:

"Na sala de desenho (pág. 562) deve se ter uma série de quadros murais de cenas, envolvendo os centros de interesse do aluno, representados em formas simples, pela justaposição de cores. Estes quadros convém medirem pelo menos 0,70m x 1,0 m e deverão estar suspensos na parede bem visíveis de toda a classe. A cada aluno entregam-se pedaços de papel de cores diversas, correspondentes às do quadro mural, e que tenham no lado não colorido gravados os contornos impressos, correspondentes aos do original, na escala apropriada. Dá-se mais a cada aluno, uma folha de papel, em que esses mesmos contornos, estejam reproduzidos, na justaposição devida, para formarem a paisagem do quadro mural. Com as tesourinhas distribuídas, uma a cada aluno, estes recortam os papéis de cor e colam, com goma arábica sobre a folha branca de contornos impressos e

surgirá, para grande contentamento do aluno, uma cópia fiel do original, em proporções reduzidas.

Qual o efeito educativo desta aprendizagem, que pode parecer uma brincadeira inútil à primeira vista?

O aluno faz um exercício que lhe deu oportunidade de representar em cores, um desenho formado pela justaposição de contornos e convenceu-se de que o desenho é uma utilíssima ocupação e muito atraente.

Se o professor acompanha a confecção do desenho de silhuetas com contos aludidos sobre o centro de interesse dos alunos, envolvidos no caso sobe de ponto a atenção da classe e, quanto maior for o estímulo, melhor se obterá a educação almejada."

Leram? Pasmaram?

Saibam todos que o Sr. Luderitz descobriu o engenhoso processo de ensinar desenho sem desenhar; até agora desenhar, em síntese, é marcar um corpo com um outro corpo formando uma imagem; desenhar é representar um objeto por meio de traço.

O sr. Luderitz, encarregado contratado para reformar o ensino de desenho, ensina a desenhar, aos futuros operários brasileiros, com goma arábica, tesoura e papel de cores com calungas impressos nas costas e outro para ser grudado.

Parece mentira, mas entretanto é a pura verdade. Isto pode ser tudo: prenda de menina rica, silloyd, trabalhos manuais, o diabo, mas desenho e método de seu ensinamento, tenha paciência o Sr. Luderitz não, não, absolutamente não.

E o crime consciente da propaganda que o Sr. Luderitz faz dessas estampas estrangeiras aumenta de gravidade quando se verifica (o que é fácil de se verificar, manuseando os dois cadernos) que estas suas estampas nada reproduzem que se lembre, ao menos vagamente, um pedaço da nossa cara Pátria, cenas do Brasil, cousa que, ensinando mostre a criança o seu País, desperte logo o patriotismo latente do educando; não; as estampas do Sr. Luderitz nesses dois cadernos são desenhados por estrangeiro de país frio da Europa e que ainda pouco caso faz do país escolhido para sua nova vida, se é que não foram elas compradas em Segunda mão e em seguida importadas, como se nós não tivéssemos artistas capazes de fazer *aquilo*, em melhores condições e com outros resultados educativos, se é que,, como já disse, estampa presta para alguma coisa se não para corromper o espírito da criança.

Não é fora de propósito chamar a atenção dos interessados para essas publicações mercenárias [...] haja vista o "Primeiro Guia do ensino de desenho" de um Sr. Dumont, em que a bandeira Nacional está erradamente desenhada: e nem era de esperar outra coisa.

De tudo isto se conclui que essa disciplina do desenho para os estabelecimentos profissionais deveria ser escrupulosamente entregue a professores nacionais que tivessem feito cuidadosamente um curso na Escola Nacional de Belas Artes, estabelecimento oficial criado especialmente para esse fim, ou em outro instituto de responsabilidade definida; o bom senso facilmente explicaria esta exigência, pelos resultados decorrentes quando o aluno, deixada a escola de seu aprendizado, se tornasse no operário, independente das estampas e catálogos estrangeiros, no homem útil a si e a sua Pátria.

O que é preciso é deixar que a alma irresponsável e alegre das crianças voe livremente, levada pela fértil imaginação de pequeninos seres impressionáveis que são, aproveitando o mestre, apenas, esses remigios para ir cautelosamente, criteriosamente guiando-a no caminho reto que deverá conduzi-la a finalidade útil que o destino traçou a cada uma. Nada do férreo cárcere das estampas para essas aptidões ainda desconhecidas de cujo resultado, glória ou fracasso, é o único responsável o mestre.

O leitor que tem responsabilidade pela alma da criança, seja pai ou seja mestre, reflita, quanta maldade está dentro desse conselho que encobre a



propaganda comercial de um produto e para o qual se quer dar o caráter obrigatório da oficialização.

Quem escreve estas linhas é um velho professor que há vinte anos ensina desenho obtendo os mais surpreendentes resultados dando apenas à criança um lápis, um papel e às vezes um modelo.

E esse ensino que tenho ministrado tem sido sempre com o caráter de utilidade afim de que jamais possa a criança dele se esquecer, lançando mão dele, com segurança, todas as vezes que a necessidade assim o exigir; nunca entreguei um livro para nele aprender desenho à mão livre à uma criança.

O que é preciso, sim, para que o ensino do desenho produza o mais completo resultado que dele se pode esperar e exigir, Sr. Luderitz, é unicamente a responsabilidade do mestre e em que predominem, a um só tempo, harmonicamente, três condições principais: competência, dedicação e honestidade.

Em todas as vezes que tive de andar pela Europa jamais descuidei-me de visitar os muitos estabelecimentos de ensino técnico-profissional, procurando não nos livros mas na prática das oficinas a aprender ensinamentos racionais, e dessas visitas verifiquei com indizível prazer que a alma do operariado nacional é de uma facilidade atraente para dela se obter tudo quanto dela, criteriosamente, se exigir, muito mais inteligente e dúctil do que o seu irmão estrangeiro. Falta-lhe apenas ser guiado pela honestidade por parte da grande maioria dos indivíduos que se fazem passar por professores afim de, ociosamente ocupar um lugar na burocracia pública.

É curioso que, havendo uma polícia de higiene, encarregada de impedir o exercício da medicina por curandeiros, não o haja também em benefício da educação popular, aquele é menos perigoso do que esta em seus efeitos se se puser em prática, nas escolas do País, as *sugestões* do Sr. Luderitz, porque só procuram os curandeiros quem se julga liquidado na vida e isto mesmo por sua livre espontânea vontade, enquanto que as crianças, no começo da vida e de quem tudo se espera, ali vão cortar papel e colar com grude, pensando aprender desenho, obrigadas por um regulamento incongruente e autoritário.

É justamente nessa tenra idade, na idade inicial de sua entrada na escola, que o ensino do desenho, como aliás o ensino de qualquer outra matéria, deve ser sincero, simples e sem fatigar o espírito da criança com a indigna obrigação de *copiar estampas* dos quadros murais, deixando, ao contrário, a criança a liberdade de todos os seus movimentos, conduzidos pelo professor com inteligência.

E jamais tive melhores discípulos do que aqueles educandos, completamente ignorantes do desenho, quantas observações inteligentes foram-me feitas por eles, mostrando-me avidez de conhecerem-no, preferindo muitas vezes aos demais deveres escolares.

[...]

Não devo alongar-me mais embora haja o que refletir e dizer o que há ainda pelas *sugestões a fora*.guardo, porém, que a sociedade Nacional de Belas Artes, núcleo de artistas brasileiros e capazes de tomarem a si a nobre missão de evitando a propagação desse método nocivo, ensinar desenho porque o aprenderam, me ceda um dos seus salões para, em defesa do ensino de desenho, protestar publicamente, em uma palestra, protesto que ora reitero contra esse sistema prejudicial ao futuro da arte nacional decorativa e rebater outros pontos da publicação oficial do Ministro da Agricultura.

E daqui desde já, proponho ao Sr. Luderitz o seguinte: cada um de nós, saindo do terreno das palavras para o campo dos fatos (o Sr. Luderitz e eu), encarregar-se de uma escola pública primária onde haja o maior número de crianças que nunca aprenderam desenho, isto é, na primeira idade escolar e cada um de nós iniciará o ensino de desenho; eu, por meu lápis e papel, ajudados com as minhas explicações e sem tocar com as minhas mãos nos

desenhos infantis que forem sendo feitos; e o Sr. Luderitz fornecerá goma-arábica, tesoura e papel de cores, com ou sem estampas impressas no verso e verificaremos após seis meses, qual de nós, em exposição pública, poderá apresentar resultados úteis e práticos. Será juiz o responsável bom senso.

Conheci eu já a existência desses nocivos cadernos de recortes que tentam se infiltrar pelas escolas do Distrito Federal, mas como já vinha em surdina, anonimamente, não competia a mim impedir a venda dessa cocaína intelectual e artística que irá de adotada, asfixiar a alma dos nossos futuros operários.

Porém, agora, que sai à luz do dia, patrocinada pelo Governo Federal na pessoa do Sr. Luderitz, autoridade suprema e conselheira do Governo sobre o assunto e preconizando os tais cadernos, eu venho fazer um apelo no espírito forte, sereno e equilibrado do Sr. Dr. Carneiro Leão, a quem estão, em boa hora, entregues os destinos da instrução popular da juventude de hoje e que será a grandeza da Pátria de amanhã, que impeça, por todos os meios e modos, a intromissão nociva e perigosa desses cadernos, prejudiciais a bolsa do particular a ao erário público e sobretudo à saúde espiritual de tantas almas em flor .

Façamos obra nossa com coisas nossas e sejamos, acima de tudo, Brasileiros do Brasil<sup>8</sup>.

A afirmação de Braga, de que só se pode desenhar com lápis e papel, era advinda de sua educação acadêmica baseada na classificação, que dominava as Artes até os primeiros anos do século XX: pintura, desenho, escultura, gravura etc. Com o avanço do modernismo, os limites destas classificações foram borrados, o campo dos materiais e técnicas multiplicados, estendidos e inter-relacionados - objetos, colagens, fotografia e imagens de várias categorias passaram a dialogar num mesmo trabalho com as antigas classificações que não foram apagadas, mas ampliadas.

Tomie Ohtake, por exemplo, ao projetar uma pintura, costuma explorar o espaço, desenhando e recortando com papéis coloridos, que organiza em busca da melhor solução pictórica. Hoje, pode-se dizer que podemos desenhar recortando papéis, mas lembre-se que o Abstracionismo que implodiu a territorialidade da Arte do século XIX ainda não havia sido institucionalizado em 1925, apesar de experiências precursoras já existirem. Entretanto, Braga tinha razão na sua crítica à atividade didática de Luderitz, como um todo. No material didático comprado que ele usava nas aulas, havia uma estampa colorida grande. Os alunos tinham que reproduzir a estampa em papéis individuais, recortando as figuras reproduzidas da grande estampa, as quais vinham desenhadas em papéis coloridos. Era só recortar e pregar para cada aluno ter a imitação da grande estampa em tamanho menor. Este material era vendido como didático para todo o sistema escolar do Ministério da

Agricultura, Indústria e Comércio, como continuam sendo produzidos e vendidos livros e revistas de imagens nada artísticas, mas da cultura de massa medíocre, para serem coloridas. É uma espécie de “sossega leão” para as crianças, e não leva a nada digno de nota como educação. Para treinar a motricidade, já se provou que é mais eficaz a criança colorir o próprio desenho, autorregular seu movimento.

Luderitz não respondeu diretamente a Braga, mas foi entusiasticamente defendido pelo escritor baiano Acácio França<sup>9</sup>, no artigo abaixo:

O Imparcial – 12 de setembro de 1925

#### PELO ENSINO DO DESENHO

(A propósito de uma entrevista do prof. Theodoro Braga)

Não tive a honra de ouvir a conferência do Prof. Theodoro Braga *sobre O ensino do desenho nos cursos profissionais*. Vi, entretanto, uma enquete dada pelo conferencista a "O Brasil", que a publicou em sua edição de 10 do expediente. Li a entrevista que, pelo agressivo da linguagem e tom pessoal das asserções, revela que o escopo da conferência é mais ferir individualmente o Dr. João Luderitz, operoso encarregado *da Remodelação do ensino profissional*, que fazer crítica justa e substancial aos seus métodos propostos para o ensino do desenho nas escolas de Aprendizes Artífices.

Não há dúvida que a única preocupação do Prof. Theodoro Braga é fazer escândalo, discutindo antes de razão, citando trechos do último "Relatório" do Dr. Luderitz, que entremeia de comentários jogosos, sem encarar o assunto a sério, colocando-se, assim, em uma de duas atitudes, cada qual pior: - de quem não compreendeu o que leu ou de quem, compreendendo argumenta torcendo o jeito, e isso importa em má fé. Infelizmente, porém, está na última situação, pois o ilustre conferencista, depois de ler o citado "Relatório" e antes da sua desastrosa entrevista, esteve em pessoa na sede da *Remodelação*, onde, em demorada visita, tratando com a maior cordialidade, colheu quanto possível de informes e esclarecimentos sobre o que já pretendia atacar, fosse como fosse, descortesmente e com pouca lealdade. Na conferência em questão, é sabido, desceu o professor a expressões de todo incompatíveis com o assunto, com o momento e, até, com a sua própria condição. Pois não é que o Sr. Theodoro Braga, bacharel em direito, artista de nome, lente da escola Nacional de Belas Artes e sobretudo, homem de responsabilidade, foi dizer ante um auditório conspícuo que o atual ensino do desenho é uma verdadeira "cocaína intelectual e artística"!... Cocaína em tal ambiente?! Ora, pelo amor de Deus!... Dei da gafe por informações d'O Globo de 11, pag. 5, no topo da última coluna. Sem mais comentários, só merece lamentos a infelicidade do prof. Theodoro Braga!

Voltando às suas diatribes aos métodos de ensino de desenho nas Escolas de Aprendizes Artífices, que são apenas sugestões, como, com toda a modéstia, os qualifica o Dr. Luderitz (no "Relatório", parte transcrita em A Educação ns. 5 e 6 de maio e junho ps. Ps.), sugestões que se pretendem ensinar e não "forçar" com "pretensão estulta", afiançamos sem exageros que o conferencista traiu o pensamento do autor.

Diz o Dr. Theodoro Braga pretender o remodelador do ensino profissional técnico ensinar desenho pelo recorte de silhuetas. É falso. Essas silhuetas que o aprendiz artífice, ainda incipiente, recorta, a princípio por inteiro em papel preto, essas figuras, que organizará, arrumará, depois, recortando papel colorido, seguindo os contornos das silhuetas, são apenas preliminares divertidos e amenos ao trabalho manual, que além de

prepararem o aluno para os estudos do desenho, logo hão de despertar-lhe a alma de artista se a tiver. E neste caso, ele começará a fazer alterações que são verdadeiras criações, assinalando a própria individualidade. O mesmo acontece com os desenhos executados com as moedas de 100, 200 e 400 reis e um dado de dominó. Examinem-se, como verificação, os cadernos 1 e 2 para o primeiro ano e 1 para o segundo, já publicados e em uso nas Escolas de Aprendizes Artífices.

Vê-se, por aí, destruída uma informação descabida. [...]

Prova-o o mesmo caluniado Dr. Luderitz na "Introdução" ao caderno n. 2 do Desenho Ornamental e Geométrico para o 2º semestre do 2º ano, ainda não publicado, mas distribuído em datilografia por todas as Escolas de Artífices e, o que mais é, visto e examinado pelo conferencista, quando pela sua vista à *Remodelação*. Leiam-se as palavras do Dr. Luderitz, que são de uma eloquência esmagadora as pretensas acusações:

"... basta lembrar o que está em voga até hoje nas escolas, da quase totalidade no Brasil, sendo método generalizado, mandar o aluno copiar de estampas litografadas, sobrecarregadas de sombras, grupo de folhagens e ramalhetes de flores (estrangeiras, bem se vê) sem que ele possa perceber, em tais gravuras, que não exprimem cenas e coisas que lhe sejam familiares, pormenores e linhas definidas de contornos.

Tal método tem por efeito preparar um exército de incompetente em matéria de desenho aplicado, como fácil se torna constatar, vendo-se moças, que no colégio fizeram inúmeros desenhos a crayon, sombreados e aquarelados, serem incapazes de esboçar um monograma a mão livre, para bordá-lo numa peça de roupa, acontecendo, por outro lado, que rapazes, mesmo após longos anos de aprendizagem de desenho, não se animam a reproduzir em croquis, uma simples peça de uso doméstico, que devam, por exemplo, figurar em catálogo, ou que desejam mandar confeccionar por um operário.

De tais alunos se deverá dizer que os seus professores não lhes ensinaram a desenhar, mas a copiar estampas, não aprenderam a ler no grande livro da natureza, sempre aberto e pródigo em ensinamentos a quem nele procurar beber os sábios ensinamentos da pura arte.

E se pode admitir, como geralmente condenado, o tal método de copiar estampas vindas do estrangeiro embora, desculpando-se estar em voga ainda, pela despreocupação dos professores que o adotam por comodidade, será por sem dúvida, intuitivo, depois das considerações acima feitas, que em induzir o aluno a estudar as minúcias dos elementos florais, para depois utilizarem essas perquirições meticulosas na representação dos mesmos esboços, em escala reduzida, mas formando conjunto de ramalhetes em jarra e vasos, vai inquestionavelmente uma justificação espontânea do método preconizado acima, pelas razões que por si se apresentam, na própria essência da orientação aludida, como única racional para ensinar desenho em cópias do natural.

Outro tanto deve ser dito com referência ao desenho sombreado e aquarelas de paisagens por estampas em livrarias e papelarias em coleções, que não variam há alguns decênios, às quais figuram cenas, completamente estranhas ao aluno, como de choupanas cobertas de neves, ou moinhos holandeses, representando vegetação europeia, homens e animais que se nunca viram aqui e cousas semelhantes, ruínas medievais com pontos dos Alpes, quando neste belo Brasil, bastaria abrir os olhos para encontrar uma série interminável dos modelos mais ricos e interessantes que imaginar se possa, e que de certo seriam de mais utilidade nas reproduções de desenhos do que as estrangeiras, sem falar no estímulo patriótico que isso traria consigo.

E adiante, sempre contra gravuras estrangeiras:

"E dizer-se que há professores que exibem, satisfeitos, semelhantes barbaridades, como prova patente da esplêndida orientação que julgam seguir dando-se por documentação da grande inclinação de seus alunos

pela arte, ao que só se pode aduzir, como comentário: - pobre arte e pobres alunos!

[...]

A conclusão do 2º semestre deste segundo ano de aprendizagem, a que chamamos de estudo de desenho geométrico e ornamental à mão livre, deve ser feita em exercícios de estilização, para o que magnificamente se prestam os elementos até aqui colhidos na flora e na fauna pequena (insetos) de que, como vimos facilmente os próprios alunos colherão os modelos fora de aula para trazê-los ao estudo na escola".

Não se fazem precisos mais comentários nem citações para que se evidenciem, a todas as luzes, a vitória do Dr. Luderitz e a destruição completa dos falsos argumentos do detrator. Acabam sempre assim as obras de depreciação ao que outros fazem com entusiasmo, sinceridade e boa fé. O professor Theodoro Braga supôs ter bons cavalos de batalha, mas estes eram de pão e se desengonçaram, desmantelando-se todos.

Terminando, peço não se vejam nestas linhas ódio nem desconsideração ao ilustre professor Theodoro Braga, a quem basta a qualidade de artista para merecer todo o meu afeto, respeito e admiração. De tais sentimentos tenho dado sobejas provas a muitos de seus colegas nacionais ou estrangeiros pela imprensa da minha terra querida - a Bahia - o que poderão atestar Preciliano Silva, Deolindo Fróes, Manoel Augusto dos Santos, Georgina e Lucilio de Albuquerque, Guttman Bicho, Oscar da Silva, Marianno Félez e outros mais. Porém, no caso presente, o Sr. Theodoro Braga não tem razão, estas pertencem integralmente ao não menos ilustre Dr. João Luderitz, incansável *Chefe da Remodelação do Ensino Profissional Técnico*.

Com a verdade, onde ela estiver.

Rio, 31 de agosto de 1925.

Acácio França<sup>10</sup>.

Luderitz respondeu ao Ministro em carta, que foi publicada no Diário Oficial. Mas, foi nos jornais diários, lidos por todo mundo alfabetizado, que Theodoro continuou a investida contra Luderitz:

O Brasil - 11 de outubro de 1925

VIVO DEBATE TRAVADO EM TORNO DA ENTREVISTA PUBLICADA NO "O Brasil"

Há pouco tempo, o ilustre artista brasileiro professor Theodoro Braga teve oportunidade de levantar pelas colunas de "O Brasil", a questão do ensino de desenho nas escolas profissionais custeadas pelo Ministro da Agricultura, ensino que, segundo a opinião daquele erudito mestre vem sendo realizado dentro dos métodos errados, profundamente prejudiciais à mocidade brasileira.

É assim que o Dr. Theodoro Braga acusou, irrefutavelmente, o professor austríaco João Linderitz, contratado pelo Ministério para dirigir aquele departamento de ensino público, de estar mandando fazer o desenho pela cópia de decalque de estampas impressas, com prejuízo da cópia do natural, que é o que vem fazendo, acatadamente, em todos os países do mundo.

No libelo que estão divulgou pelas colunas de "O Brasil", o Dr. Theodoro Braga mostrava os profundos inconvenientes e erros inconcertáveis que

viriam para o operariado nacional da orientação implantada nas escolas profissionais, onde a operário brasileiro aprenderia a desenhar e a aplicar este desenho sobre motivos diferentes dos nossos, embora se tratasse da fauna ou da flora ou ainda dos costumes e das raças que habitam o nosso país.

#### A PALAVRA DO PROFESSOR LUDERITZ ANTE A GRAVIDADE DA ACUSAÇÃO

Não se fez esperar muito tempo e o professor João Luderitz respondia à entrevista do professor Theodoro Braga, fazendo-o, porém, em longo ofício dirigido ao ministro da Agricultura e publicado no "Diário Oficial" da União. Achando-se temporariamente em São Paulo, o Dr. Theodoro Braga não teve imediato conhecimento da resposta em questão, que só agora lhe foi cair às mãos, determinando ao ilustre pintor patricio a atitude de que o documento a seguir dá nota.

#### CARTA ABERTA DO PROFESSOR THEODORO BRAGA, AO MINISTRO DA AGRICULTURA

"Exmo., sr. Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio.

Permiti, exmo. sr. Ministro, que um cidadão brasileiro nato, tendo como credenciais para junto a vós o Ter sido aluno matriculado da Escola Nacional de Bellas Artes onde, após ter cursado os seus cinco anos regulamentares com as notas distintas em seus exames, obteve, por concurso, o prêmio de viagem à Europa por 5 anos para aperfeiçoar seus conhecimentos artísticos e técnicos, por conta do Governo Federal, ser professor livre docente da mesma Escola, membro do Conselho Superior de Bellas Artes, grande medalha de prata na Secção de pintura, pequena e grande medalha de ouro na Secção de arte Aplicada nas últimas Exposições Nacionais de Bellas Artes, ex-diretor dos Institutos Profissionais Maculinos do Estado do Pará e "João Alfredo" do Distrito Federal, venha perante vós protestar e reiterar às acirradas expressões que foi forçado a usar contra inominável e criminoso processo de se mandar ensinar desenho, matéria básica nos estabelecimentos profissionais, por meio de absurdas e horríveis estampas estrangeiras nas Escolas de Aprendizes Artífices da República, expressões essas empregadas em minha conferência (que será publicada em folhetos para ser profusamente espalhada em todo o país) e em artigo para combater, sem tréguas, como o farei sempre, o processo que nas Sugestões sobre o ensino de desenho insinua o Sr. João Luderitz, encarregado contratado para remodelar o ensino profissional técnico, processo que obriga a introdução naquelas Escolas, de estampas estrangeiras, pessimamente desenhadas, afim de servirem de modelos para o estudo do desenho à crianças nacinaes pobres que serão os operários de amanhã.

Venho também Exmo. Sr. Ministro, pedir-vos que, atendendo ao apelo feito pelo mesmo Sr. Luderitz, em seu ofício nº 1.255 de 29 de agosto deste ano e publicado no "Diário Oficial" de 27 de setembro último, mandeis proceder a exame meticoloso por uma comissão de profissionais, mas que eu faça parte dela sem a menor remuneração, afim de se examinar sobre o que se está fazendo, nesse sentido de ensino de desenho, na Escola de Aprendizes Artífices de São Paulo, onde além do uso daquelas estampas grosseiras para recorte durante um ano inteiro, por aprendizes de 16 anos, empregam-se outras estampas como modelos, tais como as do Jornal O Tico-Tico e, horrible dietu, a revista Der Deutehe Tselilermeister, de Berlim, em língua alemã.

Não vi, nessa Escola de São Paulo (onde atualmente me acho em viagem de estudo) modelo nenhum do natural, e pelo qual possam aqueles infelizes e desprotegidos aprendizes nacionais receber um ensinamento útil, proveitoso, eficiente e técnico.

Urge, exmo. sr. Ministro, pôr um paradeiro definitivo a esse processo de ensino, que não é mais que um crime de lesa-Pátria, afim de impedir quanto

antes que a estampa mercenária ou não, verdadeiro tóxico intelectual. Continue a corroer inexoravelmente a alma álaçre das crianças, que é alma nacional e que se entregam confiantes as Escolas públicas oficiais, como acontece presentemente com as sugestões sobre o ensino de desenho desse Sr. encarregado contratado pelo Ministro sob vossa ata e proba autoridade.

Impedi, Exmo. Sr. Ministro, que continue as estampas, sejam elas quais forem, a servirem de modelo nas aulas de desenho, exigi, categoricamente, para modelos nesses cursos, o uso de objetos naturais e nacionais, com a sua forma e cor aparentes e que digam alguma cousa à nossa alma de brasileiros e à competência dos respectivos professores da matéria, com a sua honestidade e dedicação profissionais, fará o resto, levantando assim com alma do operariado nacional, uma das pedras angulares do portentoso ofício da nossa cara Pátria. Respeitosamente subscreve-se vosso compatriócio - Theodoro Braga<sup>11</sup>.

A recepção das ideias de Theodoro Braga era calorosa. Sabendo disto, enviou ao jornal 'O Brasil' as cartas de adesão às suas ideias, provocando mais uma notícia naquele jornal.

O Brasil – s/ data (escrito depois de 16 de outubro de 1925)

#### ENSINO DO DESENHO NAS ESCOLAS: A REPERCUSSÃO DA PATRIÓTICA CAMPANHA PELO INTERIOR DO BRASIL

Era de prever a grande recuperação que teria a entrevista publicada pelo "O Brasil", com o professor Theodoro Braga, relativamente ao ensino do desenho nas escolas oficiais e os processos adaptados pelo mestre "oficial", professor João Luderitz.

Vários jornais se ocuparam do assunto, levando para as suas colunas o nosso trabalho e chamando a atenção do governo para o desacerto que há na continuação dos processos pedagógicos referentes a desenho seguidos pelo técnico austríaco contratado pelo Ministério da Agricultura, para superintender a tal serviços.

Muito especialmente em S. Paulo, onde se encontra o professor Theodoro Braga, várias tem sido as testemunhas de aplausos à sua conduta, iniciada com a brilhante e valiosa conferência feita pelo erudito e consagrado artista, na Sociedade Brasileira de Belas Artes, sobre a debatida matéria.

Theodoro Braga tem sofrido verdadeiro assédio de amigos que lhe pedem a divulgação, em volume, do seu famoso trabalho, sendo sua intenção dá-lo à publicidade logo que aqui chegue, para distribuí-lo pelo país inteiro.

O festejado professor e artista Dr. Theodoro Braga, entre muitos cartões e telegramas recebidos, enviou-nos, de S. Paulo, notícia do que lhe remeteu o Centro de Cultura Brasileira, pelo caráter intelectual e cunho nacionalista que distingue essa associação "Centro de Cultura Brasileira" felicita V. ex. patriótica atitude caso Luderitz. Adelino Magalhães.

Também quis trazer as suas luzes ao debate o velho ilustre órgão brasileiro "O Diário Popular", de S. Paulo, jornal da mais larga atuação na sociedade paulista, o qual se expressou nestes termos, em sua edição de 16 de outubro corrente:

"O ensino do desenho - O ensino de desenho é a pedra basilar em todas as artes aplicadas. Canteiros, entalhados, arquitetos, artistas de todas as classes e idades, não podem desprezar o ensino primordial do desenho. Por isso sentimos simpatia pela campanha do professor Theodoro Braga

em prol da nacionalização do ensino nas escolas dependentes do Ministério da agricultura da República. Andou bem o distinto patricio em classificar de crime de lesa pátria a orientação do professor João Luderitz, baseada sobre o decalque e decalque grosseiro de gravuras estrangeiras de mero valor comercial. Perfilhamos "in totum" a representação que o professor Theodoro Braga dirigiu ao ministro da Agricultura e que o Jornal "O Brasil", estampou na sua edição de 11 p.p. Desta folha já temos chamado a atenção do titular da pasta da Agricultura contra a ação do professor João Luderitz, que veio refletir-se na Escola de Aprendizes desta capital. Estamos certos de que o ilustre baiano que superintende com brilhantismo a pasta da Agricultura, não deixará de prestar atenção à representação acima referida, como objeto de interesse nacional<sup>12</sup>.

As Escolas de Aprendizes Artífices haviam sido criadas em 1909, junto ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, com o objetivo de desenvolver o ensino industrial. Os poucos estudos sobre esta rede de Escolas lançam dúvidas sobre os objetivos atingidos. Os otimistas lembram que o conceito e a prática industrial eram outros, muito elementares, e tendo isto em conta estas escolas surtiram relativo efeito. Penso que se tratou de um projeto domesticador dos pobres, fábricas de operários eficientes e domáveis. O que aponta para isto é a criação indiscriminada de uma escola em cada Estado, independente do estágio econômico de cada um. Eram salvaguardas nacionais, garantias de controle do proletariado. Eram escolas de quatro anos, as quais compreendiam o aprendizado de oficinas de 'artes manuais e mecânicas', em número de cinco em cada escola, o curso primário e o de desenho.

Quanto ao tipo dos ofícios ensinados nas Escolas de Aprendizes Artífices, Cunha, analisando-os em sua evolução quantitativa, entre os anos de 1912 e 1926, conclui que:

[...] vemos oficinas voltadas para o artesanato de interesse local e poucas de emprego industrial. A maioria das escolas ensinava alfaiataria, sapataria e marcenaria (mais de 15 das 19 escolas). Outros ofícios eram ensinados em número menor de escolas, predominando os de emprego artesanal como a carpintaria, a ferraria, a funilaria, a selaria, a encadernação e outros. Poucas foram as oficinas destinadas ao ensino de ofícios propriamente industriais, de emprego generalizado: mecânica, tornearia e eletricidade.<sup>13</sup>



Os professores do curso primário eram normalistas, mas os do curso de desenho eram especialistas, demonstrando-se, assim, o alto valor conferido ao Desenho. Os mestres eram originários de oficinas e de indústrias locais.

O *plus* educacional, encarregado de desenvolver tecnicamente e intelectualmente, era o Desenho. Era o Desenho que fazia a diferença da escola primária comum.

O curso de desenho, [...] compreenderá o ensino de desenho de memória, do natural, de composição decorativa, de formas geométricas e de máquinas e peças de construção, obedecendo aos métodos mais aperfeiçoados." 23 [grifo nosso] (Artigo 3º, parágrafos 1º, 2º e 3º, respectivamente)<sup>14</sup>.

Criou-se, em 1920 ou 1921, os historiadores divergem, o Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico, sob a direção de João Lüderitz.

Desta forma, Lüderitz afirmará, em 1922, que:

O ensino profissional técnico é especializado no que respeita ao preparo literário do futuro artífice, aceitando o princípio de que há pressa na formação do operariado nacional e de que sem cercear-lhes as justas aspirações de aperfeiçoamento na sua profissão, não se deve de modo algum inculir no espírito de um proletário a veleidade de querer ser um doutor<sup>15</sup>.

Como se vê pela afirmação de Luderitz, a educação pública para os pobres deveria se limitar à preparação para o trabalho mecânico sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento cultural e muito menos com a capacidade de criar. Portanto os valores perversos e classistas que o neoliberalismo de hoje animadamente prescreve, começaram cedo no Brasil, limitando a educação do povo ao equivalente a treinar suas 'habilidades' e a limitar suas 'competências', para torná-los eficientes operários, a fim de fazer dos ricos cada vez mais ricos. Este discurso de Perrenoud, o mago neoliberal de uma Europa falida, circula imperialisticamente pelas Faculdades de Educação do Brasil hoje e até nas redes 'S' de ensino, especialmente no SENAI e SENAC. Não é de se estranhar que Luderitz tenha ganhado a batalha com Theodoro Braga e reinado absoluto na Inspeção do

Ensino Profissional Técnico que, em 1930 ou 1931, substituiu o Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico. Também não é estranho que tenha sido Diretor do SENAI.

O discurso de Theodoro Braga contra Luderitz parece xenófobo, pois fala várias vezes na entrega da educação de nossa juventude a um estrangeiro, pois Luderitz era um austríaco que trabalhava no Rio Grande do Sul quando foi elevado à figura de decisão no ensino do Desenho em todo o país. Contudo, Braga dialogava bem com os estrangeiros que vinham ao Brasil estudar nossa iconografia e cultura, mesmo para produzir industrialmente ao mercado internacional, como foi o caso de August Herborth, um designer alemão o qual trabalhou em indústrias brasileiras e passou dez anos no Brasil.

O interesse da Europa pela produção de povos que consideravam primitivos, como os africanos e os ameríndios, estendeu-se pela década de 1930. As estamparias, com base em motivos africanos e indígenas, estiveram na moda por muito tempo. O design de superfície de Helena Izcue, inspirado em desenhos incas, encantavam os parisienses e até os nova-iorquinos. Alguns designers europeus vinham ao Brasil, México e Peru em busca de inspiração para criação de motivos exóticos. Cada um que aqui chegava, reforçava, simplesmente com sua presença e suas pesquisas, as opiniões de Braga acerca do valor da iconografia nacional, como o fez Augusto Herborth.

No artigo que escreveu para o 'Diário da Noite', em 05 de dezembro de 1925, Braga articulou muito bem os dois pontos de seu ideário que quero ressaltar: A luta contra o desenho de cópia e a luta em favor do Desenho a partir da observação da natureza.

Diário da Noite – 05 de dezembro de 1925

POR QUE NÃO BUSCAMOS DENTRO DO ESPLENDOROSO AMBIENTE DE NOSSA PÁTRIA ELEMENTOS PARA SERVIREM DE MODELO AO APRENDIZADO DE DESENHO?, PERGUNTA, EM SEU SEGUNDO ARTIGO PARA O DIÁRIO DA NOITE, O PROFESSOR THEODORO BRAGA.

Copiar de outrem é escravizar a alma das crianças; é forçar a reproduzir a forma aplanada de um corpo que tem relevo, tirando assim ao cérebro o direito de observar raciocinar e criticar. Já a estampa é uma reprodução

errada por si mesma, pela simples razão de o ter sido feito através de um temperamento pessoal, quase sempre comercial.

Papel e lápis - nada mais entre o olhar da criança ávido de compreender o que se vê e a natureza simples, verdadeira e bela, representada pelo objeto palpável, com a sua forma, cor e volume definidas. Nada mais.

#### CRIME DE LESA-PÁTRIA

O que se faz, o que se continua a fazer ainda neste fim do primeiro quartel do século XX, conscientemente, permitindo que se copie ignobilmente estampas que nada dizem ao espírito da criança, no ambiente alegre das escolas, onde os pequeninos querem produzir, de seu cérebro e de sua alma, impressões emotivas e afetivas, é simplesmente um crime de lesa-pátria.

Em 1923, no Rio de Janeiro, achei-me com prazer, envolvido num movimento interessantíssimo, tendendo a formação de cursos para o ensino de desenho a ser ministrado às professoras do Distrito Federal, uma vez que o método ali adaptado até então não preenchia de modo nenhum o fim almejado tal o abuso das estampas como modelos adaptados nos cursos de desenho. Porém, como nada se perde, chegam agora notícias de que o atual diretor geral da Instrução Pública convidará três professores desta matéria para realizarem aqueles cursos de desenho e de modelagem às professoras, abolindo assim de uma vez por todas o pernicioso método acomodativo das estampas nas escolas do Rio. Ainda bem.

#### APLICAR O ESPÍRITO DA LEI

O Estado de São Paulo, na vanguarda de todos os demais Estados do Brasil, não pode perder o seu legítimo lugar de "primus inter pares", com um programa de ensino que o coloca nessa invejada situação, embora ainda existam algumas perigosas contravenções, burlando assim o alto espírito da lei em vigor.

E é fácil ao governo por as coisas devidamente nos seus trilhos. Uma penada apenas confiscando terminantemente as estampas nos departamentos da instrução pública e uma imediata fiscalização severa nos focos recalcitrantes e dentro de alguns dias ter-se-á conseguido a liberdade espiritual para as crianças brasileiras que têm o direito de ver, refletir e executar, sem o opróbio desse cativo intelectual.

Mesmo dentro do pequeno espaço marcado pelo regulamento para o estudo desta disciplina, poderá o mestre obter se a ação for honesta e persistente.

[...]

#### ENTRE A ESTAMPA E O NATURAL NÃO PODE HAVER PREFERÊNCIA

Seremos por acaso inferiores aos povos cultos de outros países? Pois então, entre uma hedionda estampa estrangeira, mal feita e agressiva ao nosso país, de difícil reprodução por parte da criança, por serem as estampas sempre imperfeitas e uma flor ou uma fruta, bela, colorida e deliciosa, nascida no mesmo meio de vida e de esplendor em que nascemos, haverá por acaso, algum espírito equilibrado, que possa ficar indeciso na preferência a dar? Entre uma luxuriante orquídea, de cor e formas impecáveis, gerada sob o azul profundo do nosso céu e um calunga malfeito de origem duvidosa importado para lucros individuais, haverá algum professor brasileiro que vacile na escolha?

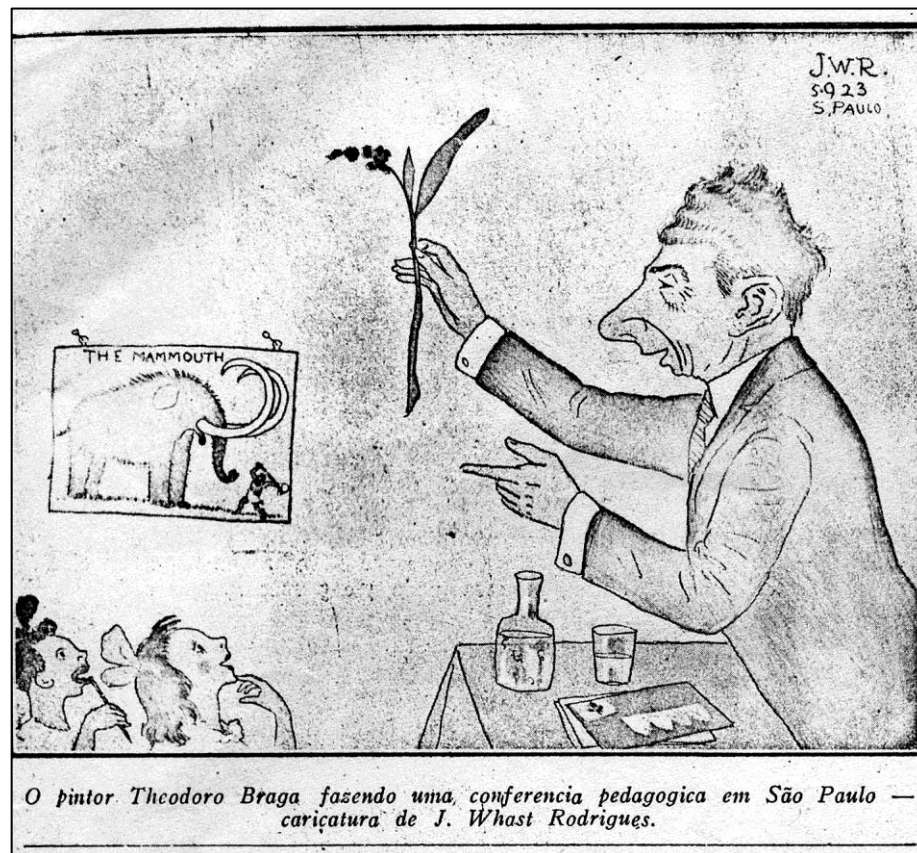
Parecerá incrível que a resposta possa ser afirmativa; entretanto o comodismo, a ignorância, o hábito servil, o macaquismo enfim, todas essas misérias morais ainda impedem que o patriotismo, em toda a vasta extensão territorial do nosso caro Brasil, seja ensinado às gerações novas de frente erguida, diante do encantamento fascinador de tudo o que é nosso, de tudo que é brasileiro.

Não; é preciso corrigir, quanto antes, o que está criminosamente ensinado por estar criminosamente errado.

A complacência é cumplicidade, sobretudo quando é difícil corrigir tão perigoso erro.

Reitero, pois, daqui os meus aplausos às professoras das Escolas Modelos da Praça e Profissional Feminina, dos grupos escolares do Brás e da Barra Funda e muito especialmente a sra. Professora Noemi Peres, professora da Escola Normal do Brás, pela obra prestimosa que estão fazendo no ensino racional e criterioso de desenho todas, e ao professor sr. Cymbelino de Freitas por ter sabido organizar um programa da matéria, digno do adiantamento deste Estado e pô-lo em prática da maneira criteriosa e eficiente.

Façamos, obra brasileira para brasileiros<sup>16</sup>!



**Figura 1** - O pintor Theodoro Braga fazendo uma conferência pedagógica em São Paulo. Caricatura de J. Whast Rodrigues. Fonte: O Malho, 1923.

Theodoro Braga continuou defendendo um ensino de desenho tematicamente nacionalista e livre da cópia, mas ainda não se tratava do movimento de livre expressão característico do modernismo internacional, que rejeitava a ordem técnica e veio nos afastar do Design na Escola primária e secundária, fez-nos experimentar um período áureo de liberdade construtiva, para, finalmente, jogar-nos na vala comum da 'arte escolar', que, como dizia Arthur Efland, era um estilo o qual só se via na escola e não no mundo corrente da Arte, como pregar macarrão ou

bolinhas de papel crepom no papel suporte, desenhar em lixa etc. Theodoro Braga não só combateu a cópia, mas fez sempre a defesa da criação com bases técnicas bem assimiladas. Explicitamente, muitas vezes falou em desenvolvimento da criatividade dos alunos através do Desenho. A pedagogia de Braga se não foi modernista no sentido expressionista que damos ao modernismo na América Latina, foi uma positiva transição para o modernismo no Ensino da Arte.



**Figura 2** – Caricatura dos métodos de ensino de Theodoro Braga, que enfatizavam a estilização da flora e da fauna brasileiras. Fonte: desconhecida.

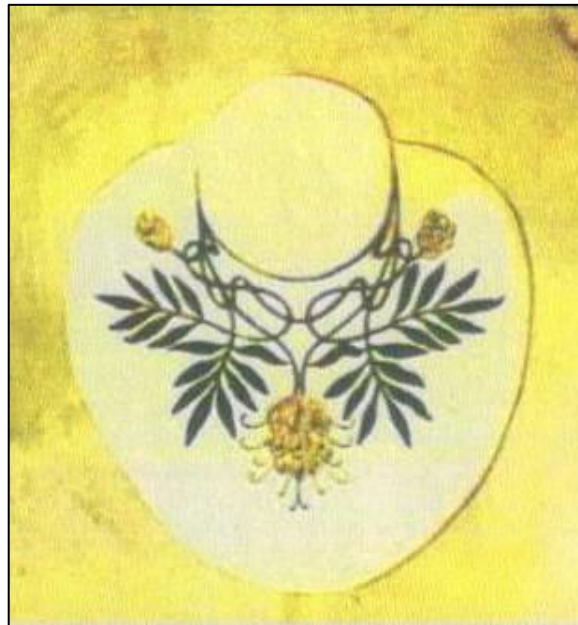
Seus escritos, pelo linguajar elegante e rebuscado da época, levam-nos a certo perturbamento de entendimento, mas principalmente nos levam a pensar que, apesar de uma enorme mudança na forma de escrever, hoje, continuamos a enfrentar problemas semelhantes, principalmente na educação pública. Suas formulações críticas são incisivas, e fazem uso de metáforas esclarecedoras e irônicas nada comuns naquele tempo. Diferente das técnicas universitárias de hoje, que são de minar o adversário por trás com intrigas, injúrias e desqualificações, ele enfrentava todos de frente com argumentos bem modelados como um bom advogado. Admiro sua coragem e gostaria de ser como ele, afinal, tivemos a mesma educação combativa da Faculdade de Direito de Pernambuco, cuja combatividade política só foi amortecida pela Ditadura Militar de 1964, depois que me formei.

Quanto aos valores estéticos baseados na leitura da natureza ao redor do artista, e do designer decorativo, defendidos por Theodoro Braga, estão hoje

revitalizados pelas ideias de sustentabilidade, de identidade e de apelo emocional, no design de moda e no design em geral, com o nome de 'Biomimética'. A dissertação de Yanaí Mendes defende esta linha de trabalho em design de moda, baseada na 'Biomimética como Metodologia para a Aplicação em Projetos de Design de Moda' (2012), de Marcionília Gomes, que propõe:

[...] um diálogo entre Design de Moda e *Biomimética* apontando possíveis práticas metodológicas, criativas, conceituais, de forma a compreender o que seria a criação de produtos de moda baseados em referências da natureza. [...] Procura abordar o Desenvolvimento Sustentável dentro do contexto do *Biodesign* e busca também entender as possibilidades projetuais geradas por meio do contato e investigação da natureza<sup>17</sup>.

O trabalho que o grupo Piracema de Design fez no Marajó com artesãos, levando-os a ler a cultura do entorno, as formas, a flora, a fauna, os resíduos da natureza e do meio ambiente construído ao redor, para gerar produtos comercializáveis, é uma extensão do pensamento ecoestético de Braga. Liderados por Heloisa Crocco e José Nemer, deste projeto participaram designers e arte/educadores entre os quais destaco respectivamente Mary Maués e Ida Hamoy.



**Figura 3** - Theodoro Braga. A planta brasileira, 1905. [Flora e aplicações 21] grevillea preissil.  
Joalheria: colar. Fonte: COELHO, 2009.



**Figura 4** - Colar produzido por artesãos da ilha do Marajó no projeto Faber, coordenado por Heloísa Crocco e José Alberto Nemer. Foto: divulgação.

O passado volta com outros nomes, de outras formas, redefinindo valores humanísticos, filosóficos, estéticos e tecnológicos, reinventando novas práticas.

Sem consciência de si e do mundo, o ser humano se desumaniza.

## NOTAS

<sup>1</sup> Este paragrafo é repetição de outro artigo de sua autoria intitulado Nacionalização da Arte brasileira. *Diário Oficial*. 1 jan 1920.

<sup>2</sup> BRAGA, Theodoro. O Ensino do Desenho. *A Educação*. Rio de Janeiro. Fevereiro de 1923.

<sup>3</sup> SOARES, Manoel Jesus Araújo. *Uma Nova Ética do Trabalho nos Anos 20 – Projeto Fidelis Reis*. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/artigos\\_genese.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/artigos_genese.pdf)>. Acesso em: 24 mar 2013.

<sup>4</sup> BRAGA, Theodoro. Carta aberta ao ilustre professor Benevenuto Bema, artista escultor. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 11 out 1927.

<sup>5</sup> *Idem*. A balburdia do programa de desenho do Colégio Pedro II. Questões de Ensino. *Estado de São Paulo*. São Paulo. 20, 21 e 22 ago 1926.

<sup>6</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>7</sup> Ver debate em Ana Mae T. B. Barbosa. *Arte-Educação no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

<sup>8</sup> BRAGA, Theodoro. Sugestões sobre o desenho para os artificies. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 16 ago 1925.

<sup>9</sup> Acácio França é autor dos livros: *A Pintura Na Bahia* (1944); *Vicente Licínio Cardoso: história de uma amizade* (1931); *Em Louvor Das Américas: as bandeiras* (1944); e da tradução de *Recordações da Província de Domingo Faustino Sarmiento* (1952).

<sup>10</sup> FRANÇA, Acácio. Pelo ensino do desenho. *O Imparcial*. Rio de Janeiro. 12 set 1925.

<sup>11</sup> BRAGA, Theodoro. O vivo debate travado em torno da entrevista publicada n"O Brasil". *O Brasil*. Rio de Janeiro. 11 out 1925.

<sup>12</sup> ENSINO do desenho das escolas: a repercussão da patriótica campanha pelo interior do Brasil. *O Brasil*. Rio de Janeiro. s.d.

<sup>13</sup> CUNHA, Luiz Antônio C. R. *Antecedentes das escolas de aprendizes artífices: o legado imperial/escravocrata*. Revista da Faculdade de Educação da UFF, Niterói, v. 11, n. 22, p. 47-66, jul./dez., 1984. pag 17

<sup>14</sup> LUDERITZ, João apud. BRANDÃO, Marisa. *Da Arte do Ofício à Ciência da Indústria: a Conformação do Capitalismo Industrial no Brasil Vista Através da Educação Profissional*. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/253/boltec253b.htm>>. p. 7.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, p. 11.

<sup>16</sup> BRAGA, Theodoro. Por que não buscamos dentro do esplendoroso ambiente de nossa Pátria elementos para servirem de modelo ao aprendizado de desenho?, pergunta, em seu segundo artigo para o DIÁRIO DA NOITE, o professor Theodoro Braga. *Diário da Noite*. São Paulo. 5 dez 1925.

<sup>17</sup> GOMES, Marcionília apud MENDES, Yanáí, *Caminhos do design de moda rumo a uma sobrevivência sustentável*. Dissertação Mestrado em Design, Arte, Moda e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo: 2013. p. 87.

## REFERÊNCIAS

ARTISTA e pedagogo. **O Malho**. Rio de Janeiro. 8 set 1923.

BRAGA, Theodoro. Carta aberta ao ilustre professor Benevenuto Berna, artista escultor. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 11 out 1927.

\_\_\_\_\_. A balburdia do programa de desenho do Colégio Pedro II. *Questões de Ensino*. **Estado de São Paulo**. São Paulo. 20, 21 e 22 ago 1926.

\_\_\_\_\_. Por que não buscamos dentro do esplendoroso ambiente de nossa Pátria elementos para servirem de modelo ao aprendizado de desenho?, pergunta, em seu segundo artigo para o DIÁRIO DA NOITE, o professor Theodoro Braga. **Diário da Noite**. São Paulo. 5 dez 1925.

\_\_\_\_\_. O vivo debate travado em torno da entrevista publicada n"O Brasil". **O Brasil**. Rio de Janeiro. 11 out 1925.

\_\_\_\_\_. Sugestões sobre o desenho para os artificies. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 16 ago 1925.

\_\_\_\_\_. O Ensino do Desenho. **A Educação**. Rio de Janeiro. Ano II. n 7. fev 1923.

BRANDÃO, Marisa. **Da arte do ofício à ciência da indústria: a conformação do capitalismo industrial no Brasil vista através da educação profissional**. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/253/boltec253b.htm>>.

COELHO, Edilson da Silva. **O Nacionalismo em Theodoro Braga: posturas e inquietações na construção de uma arte brasileira**. Tese de doutorado Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Belas Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rio de Janeiro: 2009.

CUNHA, Luiz Antônio C. R. **Antecedentes das escolas de aprendizes artífices: o legado imperial/escravocrata**. Revista da Faculdade de Educação da UFF, Niterói, v. 11, n. 22, p. 47-66, jul./dez., 1984.



---

ENSINO do desenho das escolas: a repercussão da patriótica campanha pelo interior do Brasil. **O Brasil**. Rio de Janeiro. s. d.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará, de Theodoro Braga. **Nossa história**. v 1. n 12. Rio de Janeiro: 2004. p. 22-26.

FRANÇA, Acácio. Pelo ensino do desenho. **O Imparcial**. Rio de Janeiro. 12 set 1925.

MENDES, Yanaí. **Caminhos do design de moda rumo a uma sobrevivência sustentável**. Dissertação Mestrado em Design, Arte, Moda e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo: 2013. Orientadora Ana Mae Barbosa

### **Ana Mae Tavares Bastos Barbosa**

Fez mestrado e doutorado nos Estados Unidos, ensinou em Universidades americanas e inglesa. Deu palestras nas Universidades de Harvard, de Columbia, no MOMA, e em cerca de 30 países das Américas, Europa, Ásia, África e Oceania. Fez curadorias de Christo, Bárbara Kruger, Oswald de Andrade, Flemming, etc. Recebeu os Prêmios de Crítica da APCA, o Edwin Ziegfeld (1992), o Herbert Read (1999) e a Ordem Nacional do Mérito Científico (Brasil, 2004).